

KALO MINA!

Florianópolis

Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau

<https://igrejasaonicolau.org>

CHAMADOS À SANTIDADE:

O ESPÍRITO SANTO REÚNE, SANTIFICA E ENVIA

Após a luminosa festa de Pentecostes, a Igreja contempla os frutos do Espírito Santo na vida dos santos. Nesta edição, percorremos o caminho que conduz do Cenáculo à santidade, da graça recebida à missão vivida.

Entre o Logos e a Philoxenia. Tradição que se abre ao mundo

KALO MINA



● EXPEDIENTE


EDITOR

Mons. André Sperandio

WHATSAPP

(48) 3012 1340

REDES SOCIAIS

 facebook.com/paroquiasaonicolau

 instagram.com/igrejaonicolau

E-MAIL

info@igrejaonicolau.org

WEB

www.igrejaonicolau.org

ENDEREÇO

Rua Tenente Silveira, 494
CEP 88010-301 – Centro
FLORIANÓPOLIS – SC (Brasil)

● SACRA ARQUIDIOCESE
DE BUENOS AIRES E
AMÉRICA DO SUL

S.E.R. Dom Iosif

Arcebispo Metropolitano de
Buenos Aires, Primaz e Exarca da
América do Sul

Bispos auxiliares no Brasil:

S.E.R. Dom Irineo de Tropaion
S.E.R. Dom Meletio de Zela



DIVINA LITURGIA

Aos Domingos, às 10h00,
precedida de Orthros (Ofício de
Matinas) às 09h00.

NESTA EDIÇÃO:

05 MEMÓRIA E COMUNHÃO

Aniversários, onomásticos e memórias que unem nossa comunidade.



06 CALENDÁRIO LITÚRGICO

O caminho espiritual do mês e as principais celebrações.



11 VIDA ECLESIAL

Celebrações, encontros e acontecimentos de nossas comunidades.



27 CONTOS DE KASTELLÓRIZO

Histórias, tradições e lembranças da terra de nossos antepassados.



32 OS PIONEIROS

Personagens e memórias da presença grega em Santa Catarina.



38 FILÓPTOKOS

Serviço, caridade e cuidado fraterno em ação.



42 ENTRELINHAS

Reflexões, curiosidades e pequenas histórias para pensar.



43 RECEITAS DO KALIMERA

Sabores da tradição helênica transmitidos entre gerações.



PALAVRAS DO EDITOR

Caríssimos leitores,

Esta edição marca um passo importante na caminhada do Kaló Mina. Ao longo dos últimos anos, nosso informativo mensal procurou registrar a vida de nossas comunidades, divulgar atividades e preservar a memória de acontecimentos que fazem parte de nossa história.

Gradualmente, porém, surgiu entre nós o desejo de ir além do simples registro dos fatos.

Por essa razão, esta edição inaugura uma nova etapa editorial. Sem abandonar sua vocação de informar, o Kaló Mina começa a assumir mais claramente o formato de uma revista comunitária, reunindo formação cristã, memória histórica, espiritualidade, cultura helênica e vida eclesial em um mesmo espaço de encontro e partilha.

A imagem de capa conduz-nos a Kastellórizo, terra de origem de muitos dos pioneiros que ajudaram a construir a presença grega em Florianópolis. Suas casas voltadas para o mar recordam-nos nossas raízes, a coragem das travessias e a riqueza espiritual e cultural que recebemos como herança.

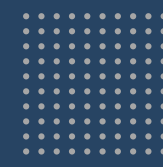
Também o tema desta edição nasce da vida litúrgica da Igreja. Após a luminosa festa de Pentecostes, somos conduzidos ao Domingo de Todos os Santos, recordando que a santidade é o primeiro fruto da ação do Espírito Santo. O mesmo Espírito que desceu sobre os Apóstolos continua reunindo, santificando e enviando a Igreja ao mundo.

Esperamos que estas páginas sejam mais do que um simples registro de atividades. Que possam tornar-se um espaço de memória, reflexão, formação e inspiração para todos aqueles que desejam conhecer mais profundamente a riqueza da fé ortodoxa e da herança helênica que nos foi confiada.

KALÓ MÍNA!

Mons. André Sperandio

PÁROCO-REITOR



REGISTROS VIVOS DA NOSSA COMUNIDADE

DATAS MARCANTES QUE NOS UNEM EM AÇÃO DE GRAÇAS



ANIVERSÁRIOS

- **Dia 1** → Maria Atherino Neves • Nicoleta Teodoro Nicolacopulos Sabetzki • Tacia Kosmos Lisboa
- **Dia 3** → Basílio (Ryan Vandresen Dacoregio) • Emely Harz Eipper
- **Dia 5** → Arthur Diamantaras Mallmann
- **Dia 6** → Anna Dimatos Napoli • Thiago José Nahs
- **Dia 8** → Sophia (esposa de Jeries)
- **Dia 9** → Margaret Spyrides Boabaid P. Gonçalves
- **Dia 11** → Julia Karabalis
- **Dia 14** → Dimitri (João Rodrigo Chaves Martins)
- **Dia 16** → Filippos Evagelos Karabalis
- **Dia 17** → Lukas Thadeus Gaspar de Oliveira
- **Dia 19** → Augusto Atherino Neves • Pe. André Sperandio
- **Dia 20** → Ricardo Spyrides Gonçalves • Sônia Atherino Szpoganicz
- **Dia 22** → Gabriel Machado Moreira
- **Dia 23** → Damaskinos (João Pedro Nunes Rachadel)
- **Dia 26** → Marcelo Boratto
- **Dia 28** → Cleber Cristiano Schmitz • Nany (Elaine Wilhelm Karabalis)
- **Dia 29** → Lénin (Miguel)



ONOMÁSTICOS

Datas de celebração dos santos e santas, conforme a tradição litúrgica da Igreja Ortodoxa Grega.

PRINCIPAIS NOMES COMEMORADOS EM JUNHO

- **Dia 2** → Marinos (Marina)
- **Dia 4** → Marta
- **Dia 5** → Doroteu (Dorotheia / Dora)
- **Dia 6** → Hilarion (Hilário)
- **Dia 11** → Bartolomeu • Barnabé • Lucas (Lucia)
- **Dia 12** → Onofre
- **Dia 14** → Eliseu • Nífon
- **Dia 15** → Agostinho (Augusto / Augusta / Agostina) • Jerônimo
- **Dia 17** → Ismael • Félix
- **Dia 18** → Erasmo • Leôncio
- **Dia 19** → Paisios • Zózimo (Zisis)
- **Dia 20** → Metódio
- **Dia 22** → Eusébio (Eusébia) • Zenas (Zênia)
- **Dia 26** → Macário (Makárius)
- **Dia 28** → Germano • Anárguiro
- **Dia 29** → Pedro • Paulo
- **Dia 30** → Apóstolo (Apostolos)

Que a memória dos santos inspire todos os que trazem seus nomes a uma vida de fé, perseverança e testemunho cristão.

NOTA:

Na Tradição Ortodoxa, o Onomástico (ὄνομαστικά) é celebrado no dia do santo homônimo, e não no aniversário de nascimento. É a “festa do nome”, ocasião de ação de graças, oração e bênção familiar em honra do santo patrono.

MEMÓRIA – ΜΝΉΜΗ



NESTE MÊS, RECORDAMOS:

- **Dia 06** → há 37 anos: O Santo Sínodo do Patriarcado Ecumênico institui o dia 1º de setembro como **Dia Mundial do Cuidado da Criação**.
- **Dia 11** → há 6 anos: Adormecimento no Senhor da Professora **Maria Lambros Comninos**, ocorrido em Curitiba/PR.
- **Dia 11** → há 20 anos: Adormecimento em Cristo de **D. Parasqevi Kotzias Atherino**, mãe de **D. Mariazinha**.
- **Dia 13** → há 4 anos: Adormecimento no Senhor de **D. Anastácia Theodoro Nicolacopulos**.
- **Dia 13** → há 7 anos: Adormecimento no Senhor de **D. Déspina Spyrides Boabaid**.
- **Dia 13** → há 18 anos: Incardinação na Sacra-Arquidiocese Ortodoxa Grega de Buenos Aires e América do Sul de **Pe. André e D. Irineo**.
- **Dia 15** → há 4 anos: Adormecimento no Senhor de **D. Zoe Diamantara Atanasio**.
- **Dia 15** → há 26 anos: Lançamento do livro **Aquarelas Gregas**, de autoria do **Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica**.
- **Dia 16** → há 5 anos: Adormecimento no Senhor de **Heládia Kotzias**.
- **Dia 22** → há 14 anos: Adormecimento no Senhor da Sra. **Maria Corfú**, dedicada colaboradora do coro da Igreja São Nicolau.

A memória dos justos permanece eternamente.” (Sl 111,6)



Calendário Litúrgico



O Ano Litúrgico e a beleza do tempo sagrado



“Sede santos, porque Eu sou santo.” (1Pd 1,16)

CHAMADOS À SANTIDADE

O ESPÍRITO SANTO REÚNE, SANTIFICA E ENVIA

Junho inicia-se ainda sob a luz de Pentecostes, mas a Igreja imediatamente nos conduz a contemplar seus frutos. O primeiro domingo após a grande festa é dedicado a **Todos os Santos**, recordando-nos que a descida do Espírito Santo não foi apenas um acontecimento do passado, mas uma realidade viva que continua transformando homens e mulheres em testemunhas do Reino.

A santidade não é privilégio de alguns poucos, mas vocação de todo cristão. O mesmo Espírito que desceu sobre os Apóstolos continua reunindo a Igreja, santificando os fiéis e enviando discípulos ao mundo.

Ao longo deste mês, o calendário litúrgico apresenta-nos um caminho espiritual: a multidão dos santos, a figura do Precursor São João Batista e, ao final, os gloriosos Apóstolos Pedro e Paulo e a Sinaxe dos Doze Apóstolos.

A Igreja nos recorda que a vida cristã não termina em Pentecostes; ela começa nele. O fogo divino recebido transforma-se em oração, testemunho, serviço e missão.

LINHA DO TEMPO ESPIRITUAL DE JUNHO

✠ **Pentecostes** → O Espírito desce sobre a Igreja

✠ **Todos os Santos** → O Espírito gera santidade

✠ **São João Batista** → Preparai os caminhos do Senhor

✠ **Pedro e Paulo** → O Evangelho é anunciado ao mundo

✠ **Doze Apóstolos** → A Igreja é enviada em missão.

✠ VOCÊ SABIA?

Por que a Igreja celebra “Todos os Santos” e não apenas alguns santos conhecidos?

No ícone de Todos os Santos, Cristo aparece no centro rodeado por profetas, apóstolos, mártires, hierarcas, monges, ascetas e justos. O ícone recorda que a Igreja não é formada apenas pelos que vivem sobre a terra, mas também pela multidão dos que já participam da glória celeste.

DOMINGOS LITÚRGICOS

Dia 7 → Domingo de Todos os Santos (Ap.: Hb 11,33-40; 12,1-2 | Ev.: Mt 10,32-33; 37-38; 19,27-30)

Dia 14 → 2º Domingo de Mateus (Ap.: Rm 2,10-16 | Ev.: Mt 4,18-23)

Dia 21 → 3º Domingo de Mateus (Ap.: Rm 5,1-10 | Ev.: Mt 6,22-33)

Dia 28 → 4º Domingo de Mateus (Ap.: Rm 6,18-23 | Ev.: Mt 8,5-13)

FESTAS E MEMÓRIAS

Dia 1 → Segunda-feira do Espírito Santo (Ap.: Ef 5,8-19 | Ev.: Mt 18,10-20)

Dia 6 → Apódosis de Pentecostes (Ap.: Rm 1,7-12 | Ev.: Mt 5,42-48)

Dia 11 → Santo Apóstolo Bartolomeu (Ap.: At 11,19-30 | Ev.: Lc 10,16-21)

Dia 24 → Natividade de São João Batista (Ap.: Rm 13,11-14; 14,1-4 | Ev.: Lc 1,1-25.57-68.76.80)

Dia 29 → Santos Apóstolos Pedro e Paulo (Ap.: 2Cor 11,21-33; 12,1-9 | Ev.: Mt 16,13-19)

Dia 30 → Sinaxe dos 12 Apóstolos (Ap.: 1Cor 4,9-16 | Ev.: Mt 9,36; 10,1-8)

Mistério Celebrado

A fé da Igreja
celebrada e vivida



TODOS OS SANTOS: O PRIMEIRO FRUTO DE PENTECOSTES

Após a luminosa festa de Pentecostes, a Igreja celebra imediatamente o **Domingo de Todos os Santos**. À primeira vista, esta disposição do calendário pode parecer apenas uma sequência cronológica; contudo, ela possui um profundo significado espiritual. A Igreja deseja responder a uma pergunta essencial: qual é o fruto da descida do Espírito Santo?

A resposta é clara: a santidade.

O Espírito Santo não desceu sobre os Apóstolos apenas para lhes conceder dons extraordinários ou impulsioná-los à pregação. Veio para transformar homens e mulheres, restaurando neles a imagem divina obscurecida pelo pecado e conduzindo-os à plenitude da vida em Cristo. O mesmo Espírito que desceu no Cenáculo continua agindo na Igreja, reunindo os fiéis, santificando-os e enviando-os ao mundo como testemunhas do Reino.

Por isso, o primeiro domingo após Pentecostes não recorda apenas alguns santos particularmente conhecidos. A Igreja celebra **todos os santos**: profetas, apóstolos, mártires, hierarcas, monges, ascetas, justos, homens e mulheres, conhecidos e desconhecidos. Celebram-se também aqueles cujos nomes jamais foram escritos nos livros da história, mas permanecem inscritos no Livro da Vida.

No ícone desta festa, Cristo aparece no centro, rodeado por uma imensa multidão de testemunhas. Não se trata apenas de personagens do passado, mas da manifestação visível da própria Igreja em sua plenitude. A comunidade cristã não se limita aos que vivem sobre a terra; ela inclui também aqueles que, tendo

combatido o bom combate, participam agora da glória celeste.

São Paulo descreve esta realidade com palavras de grande beleza:

“Estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas.”
(Hb 12,1)

A santidade, portanto, não é um privilégio reservado a alguns poucos escolhidos, nem algo extraordinário acessível somente aos grandes ascetas do deserto. Ela constitui a própria vocação de cada cristão. Ser santo significa permitir que a graça divina transforme progressivamente nossa vida, nossos pensamentos, palavras e ações.

Na tradição ortodoxa, os santos não são heróis isolados, mas a prova viva de que Pentecostes continua. O fogo divino recebido pelos Apóstolos continua ardendo na Igreja e produzindo frutos ao longo dos séculos.

Como ensinava São Serafim de Sarov:

“Adquire o Espírito da paz, e milhares ao teu redor serão salvos.”

Celebrar Todos os Santos é recordar que a Igreja não contempla apenas aquilo que foi, mas também aquilo que é chamada a tornar-se. A multidão dos santos não nos aponta um caminho impossível; revela-nos, antes, o destino para o qual todos fomos criados: a comunhão eterna com Deus.

VOCÊ SABIA?

O Domingo de Todos os Santos é celebrado logo após Pentecostes porque a santidade é apresentada pela Igreja como o primeiro fruto da ação do Espírito Santo.



“AS COISAS SANTAS AOS SANTOS!”

Uma das aclamações mais profundas da Liturgia Bizantina!

Pouco antes da comunhão dos fiéis, na Divina Liturgia Bizantina, o sacerdote eleva o santo *Cordeiro* — o Corpo de Cristo — e proclama solenemente:

Ta Ayia tois Ayiots.

As coisas santas aos santos!

Trata-se de uma das aclamações mais antigas e profundas de toda a tradição litúrgica da Igreja. Já presente nas antigas liturgias do Oriente cristão, esta breve frase concentra uma riqueza espiritual extraordinária.

À primeira vista, ela pode parecer surpreendente. Quem são os "santos" aos quais os santos dons são oferecidos? Estaria a Igreja afirmando que apenas pessoas perfeitas podem aproximar-se da Eucaristia?

A resposta encontra-se imediatamente no canto do coro, que responde:

*Eis áyios, eis Kýrios,
Iησούς Χριστός,
εις δόξαν Θεού Πατρός. Αιμήν.*

*Um é Santo, um é Senhor,
Jesus Cristo, para a glória de
Deus Pai. Amém.*

A Igreja recorda, assim, que somente Cristo é Santo por natureza. Toda santidade humana é participação na santidade divina. Os fiéis tornam-se santos não por mérito próprio, mas pela graça de Deus agindo na vida da Igreja.

Por isso, esta aclamação não exclui os fiéis da comunhão; ao contrário, revela sua verdadeira vocação. Os dons santos são oferecidos ao povo santo — isto é, àqueles que, pelo Batismo, pela vida sacramental, pelo arrependimento e pela fé, caminham em direção à comunhão com Deus.

Na linguagem bíblica e patrística, "santo" não significa apenas alguém moralmente perfeito. Significa, antes de tudo, alguém separado para Deus, consagrado à vida do Reino. É neste sentido que São Paulo frequentemente chama os próprios cristãos de "santos" em suas epístolas.

Este momento da Liturgia também manifesta profundamente a visão ortodoxa da salvação. A Eucaristia não é apenas símbolo ou recordação, mas participação real na vida divina. A Igreja aproxima-se do Cálice não como simples espectadora, mas como Corpo vivo de Cristo.



Os Padres da Igreja frequentemente relacionavam esta aclamação ao chamado universal à santidade. São Cirilo de Jerusalém, ao instruir os catecúmenos sobre os mistérios da fé, recordava que os fiéis são santificados pela participação nos santos mistérios e chamados a refletir em suas vidas aquilo que recebem no altar.

Também por isso, imediatamente antes da comunhão, os fiéis rezam:

"Creio, Senhor, e confesso..."

A aproximação ao Cálice nunca é um ato automático ou meramente ritual. É encontro, reverência e transformação.

Na tradição bizantina, tudo neste momento aponta para o mistério da comunhão entre Cristo e sua Igreja: o sacerdote elevando os santos dons, o povo respondendo em canto, o silêncio reverente do templo e os fiéis aproximando-se "com temor de Deus, fé e amor".

Talvez por isso esta aclamação ressoe de modo tão especial no tempo litúrgico que segue Pentecostes. Após celebrar a descida do Espírito Santo e o Domingo de Todos os Santos, a Igreja recorda que a santidade não é ideia abstrata, mas vida recebida de Cristo e continuamente alimentada nos santos mistérios da Eucaristia.



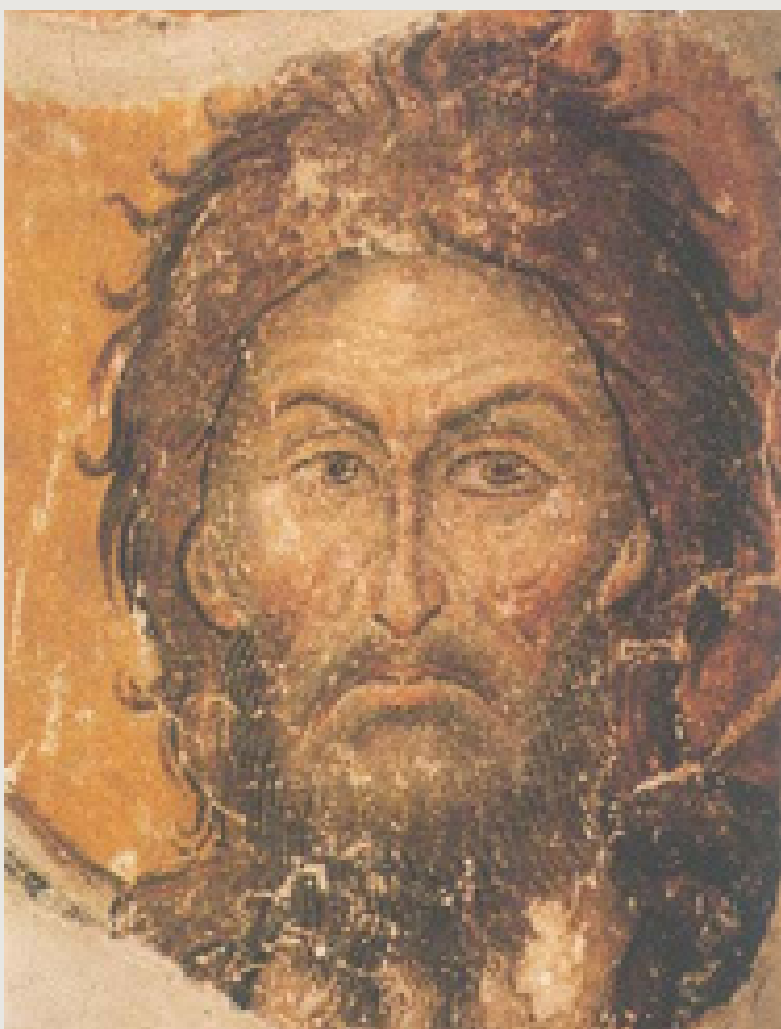
Palavras que iluminam o chamado à santidade

1. Άγιος (Ágios) Santo — "Consagrado, pertencente a Deus."

Na tradição cristã, a santidade não significa ausência de fraquezas humanas, mas vida transformada pela graça divina.

2. Πρόδρομος (Pródromos) — Precursor

Título dado a São João Batista, celebrado em 24 de junho. Significa "aquele que vai à frente preparando o caminho". João precede Cristo na pregação, no testemunho e até no martírio.



3. Θεώσις (Theosis) — Deificação

A participação do homem na vida divina pela graça. Os Padres ensinam que Deus se fez homem para que o homem pudesse participar da vida de Deus.



4. Σύναξις (Sýnaxis) — Assembleia / Reunião

Do grego **σύναξις**, "reunião", "assembleia". Refere-se à reunião litúrgica dos fiéis, mas também à celebração conjunta de um grupo de santos. Em junho celebramos a Sinaxe dos Doze Apóstolos, expressão da unidade da Igreja em torno de Cristo.

5. Απόστολος (Apóstolos) — Enviado

Deriva do verbo **ἀποστέλλω**, "enviar". Todo apóstolo é discípulo, mas nem todo discípulo é apóstolo. O discípulo aprende; o apóstolo é enviado para anunciar.

6. Μαθητής (Mathitís) — Discípulo

Significa literalmente "aquele que aprende". O discípulo é o que caminha com o Mestre, escuta sua palavra e deixa-se formar por ela.

7. Κορυφαῖος (Koryphaíos) — Corifeu

Literalmente: "o que ocupa a cabeça do coro", "porta-voz", "líder". Na tradição ortodoxa, Pedro e Paulo recebem frequentemente o título de Corifeus dos Apóstolos, não como poder sobre os demais, mas como destaque em seu testemunho e missão.

8. Κλήσις (Klêsis) — Chamado / Vocação

Deriva do verbo **καλέω** (kaléo), "chamar". Na Sagrada Escritura, a vocação não significa apenas uma profissão, missão específica ou estado de vida; é, antes de tudo, um chamado de Deus à comunhão com Ele.





ORFEU

A DESCIDA ÀS SOMBRAS E A BUSCA PELA VIDA

Conta a antiga tradição grega que Orfeu possuía um dom extraordinário: sua música era tão bela que amansava animais, fazia as árvores inclinarem-se e comovia até mesmo pedras e montanhas. Quando Eurídice, sua esposa, morreu, Orfeu recusou-se a aceitar a separação definitiva. Movido pelo amor, tomou sua lira e desceu às profundezas do Hades para buscá-la.

Seu canto tocou os corações do mundo subterrâneo. Pela força de sua música e de sua dor, recebeu uma condição: poderia conduzir Eurídice de volta ao mundo dos vivos, mas não deveria olhar para trás antes de alcançar a luz.

Orfeu iniciou a subida. Caminhava entre sombras, ouvindo apenas passos atrás de si. Porém, tomado pela dúvida, voltou o olhar antes do momento permitido. E, naquele instante, Eurídice desapareceu novamente entre as trevas.

Os gregos viam nesse mito uma reflexão sobre os limites humanos: amor, desejo, confiança e fragilidade do coração. Há algo profundamente humano em Orfeu: ele ama, busca, espera e vacila. Para o cristão, porém, esta antiga narrativa parece apontar para algo maior.

Também Cristo desceu às profundezas. Também entrou na região da morte. Mas sua descida não terminou em perda. Ele não voltou sozinho. Rompeu as portas do Hades, esmagou a morte e conduziu consigo a humanidade à vida.

Se Orfeu representa a busca humana pela vida perdida, Cristo revela a resposta divina a essa busca.

Talvez por isso o **Domingo de Todos os Santos**, celebrado após Pentecostes, tenha algo a recordar: a vitória de Cristo não pertence apenas ao passado; ela continua produzindo frutos. Cada santo testemunha que a luz venceu as sombras e que a última palavra não pertence à morte.

“Se Orfeu representa a busca humana pela vida perdida, Cristo revela a resposta divina a essa busca.”

Também se dizia que a música de Orfeu acalmava mares revoltos, reconciliava companheiros e fazia a própria natureza deter-se para escutá-lo. Seu canto não apenas encantava; reunia e harmonizava.

Há aqui uma imagem que toca o caminho espiritual deste mês. Após Pentecostes, a Igreja celebra Todos os Santos para recordar que o Espírito Santo continua realizando algo semelhante — mas de maneira infinitamente maior. O Espírito reúne o que está disperso, cura o que está ferido e transforma a desarmonia em comunhão.

Os santos são este milagre vivo. Não são pessoas extraordinárias por natureza, mas homens e mulheres que permitiram que Deus transformasse seus corações. O que a lira de Orfeu apenas simbolizava, a graça divina realiza verdadeiramente: faz nascer harmonia onde havia divisão, luz onde havia sombras e vida onde parecia restar apenas morte silêncio.



1º de maio de 2026:

34 ANOS DA COMUNIDADE SÃO JOÃO, O TEÓLOGO

Há memórias que permanecem gravadas não apenas nos registros da história, mas também no coração da comunidade. Neste mês de maio, a Paróquia São João, o Teólogo, recordou com gratidão os primeiros passos de sua caminhada, iniciada em 2 de maio de 1992, numa noite simples e abençoada, debaixo da videira, diante da fonte.

Na humildade daquele primeiro altar improvisado, nascia mais do que uma comunidade: nascia uma família espiritual confiada à proteção do discípulo amado de Cristo.

Ao longo destes 34 anos, muitas vidas passaram por esta casa de oração. Entre alegrias e sofrimentos, lágrimas e esperanças, gerações encontraram ali acolhimento, fé e comunhão.

Após a Divina Liturgia celebrada em 1º de maio, os fiéis reuniram-se em espírito festivo para um almoço colaborativo vivido na fraternidade e na ação de graças. O encontro contou com a presença de Dom Irineo de Tropaion e do Arquimandrita Mons. André Sperandio, reunindo clérigos, famílias, jovens e crianças num ambiente marcado pela convivência e pela alegria pascal.

Mais do que recordar o passado, a comunidade renovou sua esperança no futuro, dando graças a Deus por todos aqueles que ajudaram a construir esta caminhada de fé.

“Glória a Deus por todas as coisas.”





1º de maio de 2026:

COMUNIDADE SÃO JOÃO, O TEÓLOGO

“

Todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes.

Na manhã de 1º de maio, a comunidade da Igreja Ortodoxa São João, o Teólogo, reuniu-se em oração e alegria para a celebração do Santo Batismo de dois jovens catecúmenos, acolhidos na vida da Igreja por meio do antigo e belo rito da imersão.

O sacramento foi celebrado por Mons. André Sperandio, tendo como padrinhos Marcelo Boratto e Josef Konrad. Durante o rito, os neófitos receberam seus nomes onomásticos — João e Procópio — passando a integrar mais profundamente a tradição viva da fé ortodoxa e a comunhão dos santos.

Celebrado no jardim da igreja, sob a luz serena daquela manhã pascal, o Batismo tornou-se expressão visível do novo nascimento em Cristo e do início de uma nova caminhada espiritual.

Após o Santo Batismo, os recém-iluminados participaram da Divina Liturgia e aproximaram-se da Santa Eucaristia, completando assim o caminho da iniciação cristã segundo a tradição ortodoxa.

A comunidade deu graças a Deus por este momento de grande significado espiritual, acolhendo com alegria seus novos filhos na fé e rogando para que, fortalecidos pela graça divina, perseverem firmes no seguimento de Cristo.





3 de maio de 2026:

O DOMINGO DO PARALÍTICO

Ainda envolvidos pela alegria luminosa da Páscoa, reunimo-nos para a celebração do Domingo do Paralítico, recordando que Cristo continua a aproximar-se do homem ferido e cansado, levantando-o de suas paralisias e conduzindo-o à vida nova da Ressurreição.

A Divina Liturgia foi presidida por Dom Irineo de Tropaion, Bispo Auxiliar para o Sul do Brasil, e concelebrada por Mons. André Sperandio. Em sua homilia, Dom Irineo recordou que as Portas Reais permanecem abertas até Pentecostes como sinal do túmulo vazio de Cristo e da vida nova oferecida ao mundo.

A celebração contou com a presença alegre de muitas crianças e foi marcada, de modo especial, pelo canto do Kinonikón – «Σῶμα Χριστοῦ μεταλάβετε...» – entoado por Laíza enquanto embalava nos braços seu filho Theodoro, imagem delicada da fé transmitida de geração em geração no coração da Igreja.





10 de maio de 2026:

O DOMINGO DA SAMARITANA

No V Domingo após a Páscoa, a Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau reuniu-se para a celebração do Domingo da Samaritana, precedida da Orthros (Matinas) e celebrada pelo Arquimandrita Mons. André.

Meditando sobre o encontro de Cristo com a mulher samaritana junto ao Poço de Jacó, Mons. André recordou que todo o caminho pascal conduz os fiéis ao mistério da Ressurreição e à renovação interior do homem. Os domingos que seguem a Santa e Grande Páscoa apresentam etapas espirituais que fortalecem a fé e conduzem o coração ao encontro com o Senhor.

Ao comentar o pedido de Jesus — “Dá-me de beber” — destacou que Deus sempre precede o homem: antes mesmo de buscarmos a Cristo, é Ele quem nos procura e espera por nós. Como a Samaritana, também o homem de hoje é chamado a abandonar os antigos cântaros e tornar-se testemunha da graça e da presença salvadora de Cristo.

A celebração transcorreu em profundo espírito pascal, reunindo fiéis, famílias, jovens e crianças ao redor do Cálice da Vida, na alegria luminosa da Ressurreição.



Ao aproximar-se a festa da **Ascensão do Senhor**, o canto pascal começa gradualmente a despedir-se dos ofícios, após quarenta dias proclamando a vitória de Cristo sobre a morte e a vida nova concedida ao mundo.

«Χριστός ἀνέστη ἐκ νεκρῶν, θανάτῳ θάνατον πατήσας, καὶ τοῖς ἐν τοῖς μνήμασι ζῶν ἡarisάμενος.»

“Cristo ressuscitou dos mortos, pela morte venceu a morte, e aos que estavam nos túmulos concedeu a vida.”

Na luminosidade deste tempo santo, a Igreja continua a anunciar que a Ressurreição de Cristo não pertence apenas ao passado, mas permanece viva e atuante na vida dos fiéis e no coração da comunidade reunida em oração.



17 de maio de 2026:

DOMINGO DO CEGO DE NASCENÇA

Neste domingo, a comunidade entoou, pela última vez neste período pascal, o hino da Ressurreição: «Χριστός ἀνέστη!» — “Cristo ressuscitou!”





Vida Eclesial



A Comunidade em Movimento





SOUUC-2026
Semana de Oração pela Unidade dos cristãos



IGREJA ORTODOXA PARTICIPA DA SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS EM FLORIANÓPOLIS



Atendendo ao convite dos organismos eclesiais promotores da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (SOUUC 2026), a Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau, de Florianópolis, participou de dois importantes momentos de oração e testemunho de unidade cristã na capital catarinense.

A abertura da semana ocorreu na FACASC/ITESC, durante a Jornada Teológica 2026, em uma celebração ecumênica marcada pelo espírito de comunhão, diálogo e oração.

Representando a comunidade ortodoxa, Mons. André Sperandio destacou que a verdadeira unidade dos cristãos não pode ser reduzida à cordialidade ou à simples convivência pacífica, mas encontra seu fundamento na própria verdade revelada em Cristo, “Caminho, Verdade e Vida”.

“ *A unidade pela qual rezamos não apaga as tradições, mas conduz todos à plenitude da Verdade e do Amor de Deus.* ”



Já na quinta-feira, a comunidade ortodoxa voltou a unir-se às demais tradições cristãs em encontro realizado na Igreja Santo Antônio, em Florianópolis. Na ocasião, Mons. André conduziu uma reflexão inspirada na Grande Litania da Paz da tradição ortodoxa, recordando que a verdadeira paz é dom que vem do alto e que a unidade cristã exige humildade, misericórdia, conversão do coração e fidelidade à verdade do Evangelho.

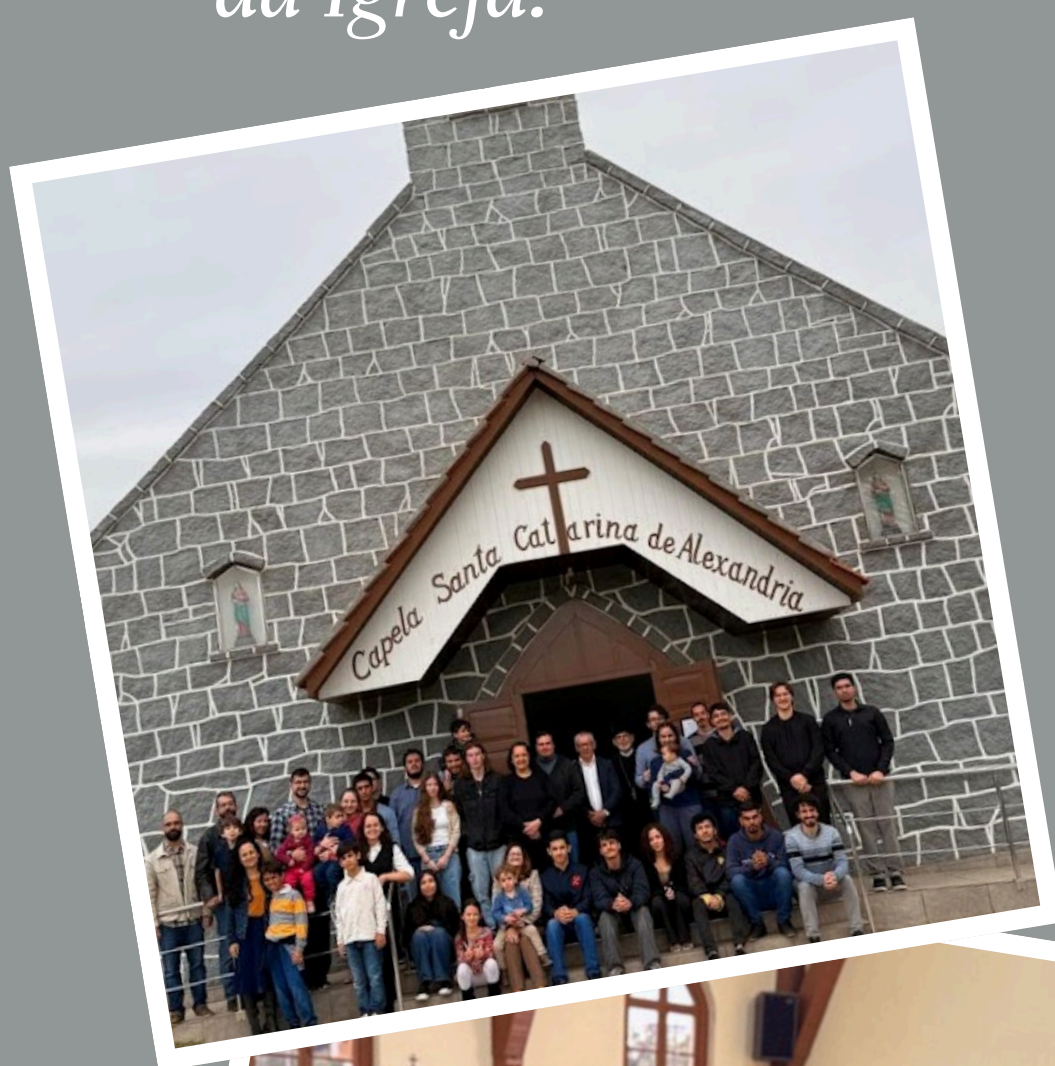
A participação da Igreja Ortodoxa Grega reafirma seu compromisso com o diálogo fraterno, a oração comum e o testemunho da unidade desejada por Cristo – uma unidade que não apaga identidades ou tradições, mas conduz todos à plenitude da verdade e do amor de Deus. “Que todos sejam um.” (Jo 17,21).





JOINVILLE-2026
Peregrinação Capela de Santa Catarina de Alexandria

“A fé dos Apóstolos, confirmada pelos Santos Padres de Niceia, permanece viva na liturgia e na comunhão da Igreja.”



23 de maio de 2026:

FIÉIS DE DIVERSAS CIDADES CATARINENSES REÜNEM-SE EM JOINVILLE PARA DIVINA LITURGIA

No sábado, 23 de maio, fiéis vindos de Joinville, Jaraguá do Sul, Florianópolis, Santa Terezinha e outras localidades de Santa Catarina reuniram-se na **Capela Santa Catarina de Alexandria**, em **Pirabeiraba, Joinville**, para a celebração da Divina Liturgia do **Domingo dos Santos Padres do Primeiro Concílio de Niceia**, oficiada por Mons. André.

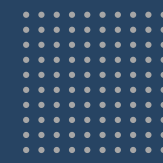
A celebração, antecipada em razão das possibilidades pastorais da missão, foi marcada pela consagração dos novos vasos para uso litúrgico da **Comunidade São Nectários de Égina**, em um momento de alegria e ação de graças por mais este passo na vida litúrgica da **Missão Ortodoxa em Santa Catarina**.

Na homilia, Mons. André refletiu sobre a **unidade da Igreja na verdade e no amor**, à luz dos Santos Padres reunidos em Niceia no ano 325, recordando que a fé recebida dos Apóstolos permanece viva na tradição litúrgica, na fidelidade doutrinal e na comunhão do povo cristão.

Mereceu especial destaque a presença dos jovens que acompanharam Mons. André, tendo partido ainda na madrugada de sábado, de Florianópolis, em uma van especialmente fretada para esta peregrinação fraterna, retornando após o almoço comunitário realizado no salão da Capela Santa Catarina de Alexandria.



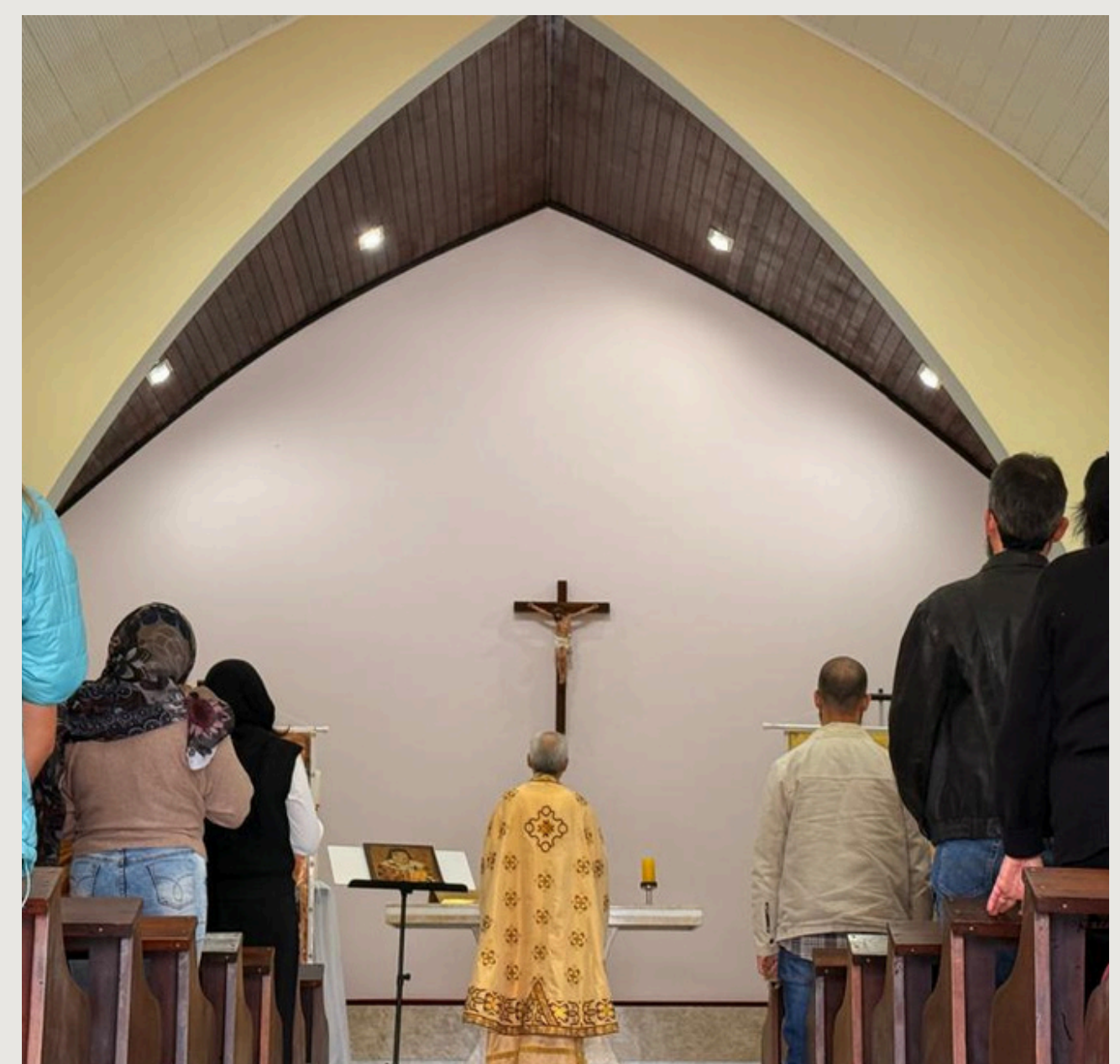
Vida Eclesial



A Comunidade em Movimento

- • • O encontro foi marcado por um belo espírito
- • • de alegria, amizade e convivência entre os
- • • jovens de Florianópolis e das demais cidades
- • • presentes.

Também emocionou a presença das crianças durante a celebração, sobretudo no momento da proclamação do Santo Evangelho, quando se aproximaram reverentemente e se colocaram sob o Livro Sagrado, em um gesto espontâneo de respeito e piedade.





Ao final da Divina Liturgia, os fiéis participaram de um almoço comunitário preparado com grande dedicação pelas famílias e senhoras da comunidade, em verdadeiro espírito de serviço e partilha. Mencionando Ceciliana, Laíza, sua sogra e a cunhada Nicole, Anna e Vanessa (foto ao lado), a comunidade expressa sua gratidão a todas aquelas que não mediram esforços para acolher os participantes com tanto carinho e generosidade.



A comunidade ortodoxa também manifesta especial agradecimento ao **Sr. Adelino** e à Diretoria da **Capela Santa Catarina de Alexandria** pela calorosa acolhida e atenção durante todo o tempo em que ali permanecemos, bem como ao **Pároco** da Igreja Matriz de Pirabeiraba, na pessoa da **secretária paroquial Adriana** e, acima de tudo, ao **Arcebispo Dom Francisco**, pela generosa acolhida ao pedido de utilização de um templo sagrado de sua Arquidiocese para reunir os fiéis ortodoxos da região para a prática de sua vida litúrgica.





24 de maio de 2026:

IGREJA SÃO NICOLAU CELEBRA O DOMINGO DOS SANTOS PADRES DO I CONCÍLIO DE NICEIA

No domingo, 24 de maio, a comunidade da Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau, em Florianópolis, reuniu-se para a celebração da Divina Liturgia dos 318 Santos Padres do Primeiro Concílio de Niceia, presidida por Mons. André.

“*A verdadeira unidade da Igreja floresce no amor e na fidelidade à verdade revelada por Cristo.*”

Na proximidade da grande festa de Pentecostes, a Igreja fez memória daqueles que preservaram e proclamaram a verdadeira fé diante dos erros e confusões que ameaçavam a integridade do ensinamento apostólico. A celebração recordou que o Credo proclamado em cada Divina Liturgia permanece como expressão viva da fé da Igreja, conservada ao longo dos séculos pelos Santos Padres, pela tradição litúrgica e pela vida sacramental.

Durante a homilia, Mons. André refletiu sobre a realidade espiritual de muitos jovens de nosso tempo, frequentemente marcados pela ausência de fundamentos sólidos na fé e cercados por caminhos contraditórios, inquietações e incertezas. Em meio a tantas vozes e confusões, recordou que a Ortodoxia continua sendo procurada como fundamento seguro, precisamente por permanecer fiel à tradição recebida dos Santos Apóstolos.



Meditando as palavras do Evangelho de São João — “que todos sejam um” — a reflexão destacou que a verdadeira unidade cristã não pode existir à custa da verdade da fé, mas deve florescer no amor e na fidelidade à revelação transmitida pela Igreja ao longo dos séculos.

Na conclusão da homilia, foi recordado que o Espírito Santo continua conduzindo a Igreja e iluminando aqueles que perseveram na fé apostólica:

“*A verdade que os Apóstolos nos legaram deve ser preservada, defendida e proclamada em todos os tempos.*”

Ao final da celebração, a comunidade permaneceu reunida em espírito de fraternidade e convivência, renovando sua esperança na ação do Espírito Santo que conduz a Igreja “a toda a verdade” (Jo 16,13).



Vida Eclesial



A Comunidade em Movimento





Vida Eclesial



A Comunidade em Movimento





“*Relíquias de Santa Catarina de Alexandria: tesouro espiritual confiado à Igreja para a piedosa veneração dos fiéis.*”



CAPELA SANTA CATARINA DO TJSC TERÁ CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS REGULARES A PARTIR DE JUNHO



Na manhã de 18 de maio de 2026, Mons. André participou de importante encontro no Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC), a convite do Exmo. 3º Vice-Presidente, Desembargador Dr. Márcio Rocha Cardoso. Também participaram da reunião o Dr. Ricardo Albino França e os sacerdotes da Fraternidade Santo Ivo, Pe. Philippe Roche e Pe. Luiz Harding Chang.

Realizado em clima de cordialidade e espírito fraterno, o encontro tratou, entre outros assuntos, do uso regular da Capela Santa Catarina, localizada no edifício do Tribunal de Justiça, onde são guardadas as santas relíquias vindas do Monte Sinai de Santa Catarina de Alexandria, padroeira de nosso Estado.

Como fruto deste diálogo, foi definida uma agenda regular de celebrações litúrgicas na capela, reunindo as tradições cristãs ali presentes. A Igreja Ortodoxa Grega de Florianópolis realizará mensalmente uma Paráklisi à Santa Catarina no dia 25 de cada mês, exceto quando a data coincidir com sábado ou domingo, sendo então transferida para o primeiro dia útil subsequente. Já a Igreja Católica Romana celebrará mensalmente uma Santa Missa na última terça-feira de cada mês, às 11h15min, em honra a Santa Catarina de Alexandria e Santo Ivo, patrono dos juristas.

No último dia 19 de maio, ocorreu a primeira destas celebrações regulares, com a Santa Missa presidida pelos monges do Mosteiro Santo Ivo, em honra a Santo Ivo, cuja memória litúrgica é celebrada nesta data. A celebração foi conduzida pelos padres Philippe Roche e Luiz Harding Chang, monges do Monastério Santo Ivo, no bairro Agrônômica.

Ainda naquela manhã, a comunidade da Igreja São Nicolau recebeu a equipe de jornalismo da NDTV (Record) para gravações e entrevistas destinadas a uma série especial sobre Santa Catarina de Alexandria. A produção integra as comemorações pelos 500 anos da chegada do navegador Sebastião Caboto à Ilha de Santa Catarina, em 1526, marco historicamente associado ao batismo oficial de nosso território.

A reportagem dedicou especial atenção ao público infantojuvenil, propondo uma reflexão sobre o testemunho de fé, sabedoria e coragem que Santa Catarina continua oferecendo às novas gerações.

Também segue em preparação um amplo projeto editorial sobre a presença das relíquias de Santa Catarina em nosso Estado. A obra reunirá documentos históricos, registros da concessão e chegada das relíquias, além de rico material de pesquisa recolhido em diversas fontes, especialmente nas antigas edições do Kalimera e nos escritos de nosso saudoso Mons. Angelos Kontaxis, de memória eterna.

Se Deus permitir, o lançamento da obra deverá ocorrer até 25 de novembro próximo, festa de Santa Catarina de Alexandria.

Glória a Deus por tudo!



30 de maio de 2026:

SÁBADO DAS ALMAS:

ORAÇÃO PELOS ADORMECIDOS

- • • Na manhã de sábado, 30 de maio, a comunidade
- • • reuniu-se para a celebração da Divina Liturgia do
- • • Psicossábado, dedicada à memória de todos os que
- • • adormeceram no Senhor. Em espírito de fé e
- • • esperança, foram elevadas súplicas pelos falecidos,
- • • confiando-os à misericórdia de Deus e
- • • proclamando a vitória de Cristo sobre a morte.

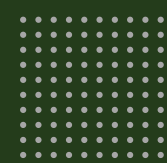
Na tradição da Igreja, os sábados são especialmente consagrados à memória dos mortos, pois foi nesse dia que Cristo repousou no túmulo, santificando a condição daqueles que aguardam a ressurreição. De modo particular, o Psicossábado que precede o Pentecostes recorda todos os fiéis adormecidos, para que também eles participem da plenitude da vida em Cristo e da comunhão do Espírito Santo.



- • • Ao aproximar-se a grande festa de Pentecostes, a
- • • Igreja une vivos e falecidos numa mesma oração,
- • • testemunhando que o amor de Deus vence toda
- • • separação e que, em Cristo Ressuscitado, a
- • • morte não é o fim, mas a passagem para a vida eterna.

Na esperança da Ressurreição!

“Memória eterna!
Αἰωνία ἡ μνήμη.



31 de maio de 2026:

DOMINGO DE PENTECOSTES

OFÍCIO DE GENUFLEXÃO

Neste domingo, 31 de maio, a comunidade reuniu-se para celebrar a festa de Pentecostes, a descida do Espírito Santo sobre os Santos Apóstolos e a manifestação da Igreja ao mundo como Corpo vivo de Cristo.

Cinquenta dias após a Ressurreição, cumpre-se a promessa do Senhor: o Espírito da Verdade desce sobre os discípulos e permanece na Igreja, santificando os fiéis e conduzindo todas as coisas à unidade em Cristo.

Durante as Orações de Genuflexão celebradas neste dia santo, os fiéis ajoelharam-se novamente após o período pascal.

Na tradição, este gesto possui profundo sentido espiritual: após permanecermos de pé como testemunhas da Ressurreição, voltamos a dobrar os joelhos em reverência, arrependimento e súplica diante de Deus, pedindo a renovação do Espírito Santo sobre nossas vidas.



Na homilia, Mons. André recorda que o Espírito Santo manifestou-se em Jerusalém sob a forma de “línguas de fogo”, repousando sobre cada um dos Apóstolos. Embora concedido pessoalmente a cada discípulo, o Espírito permanece uno, reunindo todos na mesma fé e na proclamação das maravilhas de Deus.

Ao encerrar o mês de maio e iniciar a caminhada rumo ao Domingo de Todos os Santos, a comunidade renovou sua confiança na presença do Espírito Consolador, que fortalece, ilumina e conduz o povo de Deus em sua peregrinação até o Reino eterno.



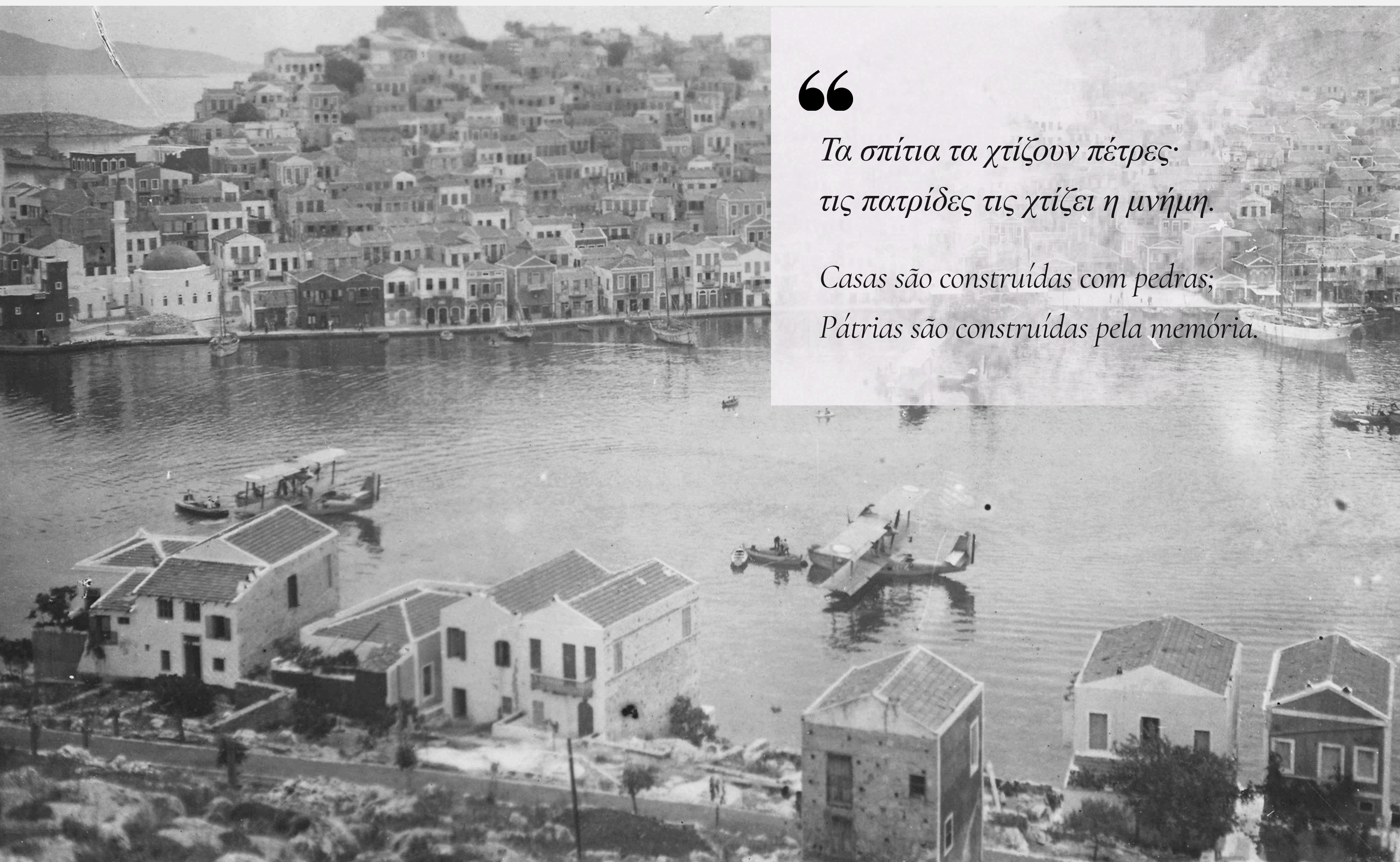
KASTELLORIZO

C O N T O S

CONTOS E NARRATIVAS DA PEQUENA ILHA GREGA
QUE ENCANTA O MUNDO

O S I M I G R A N T E S

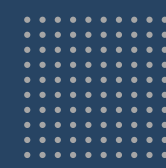
(Οί Μετανάστες)



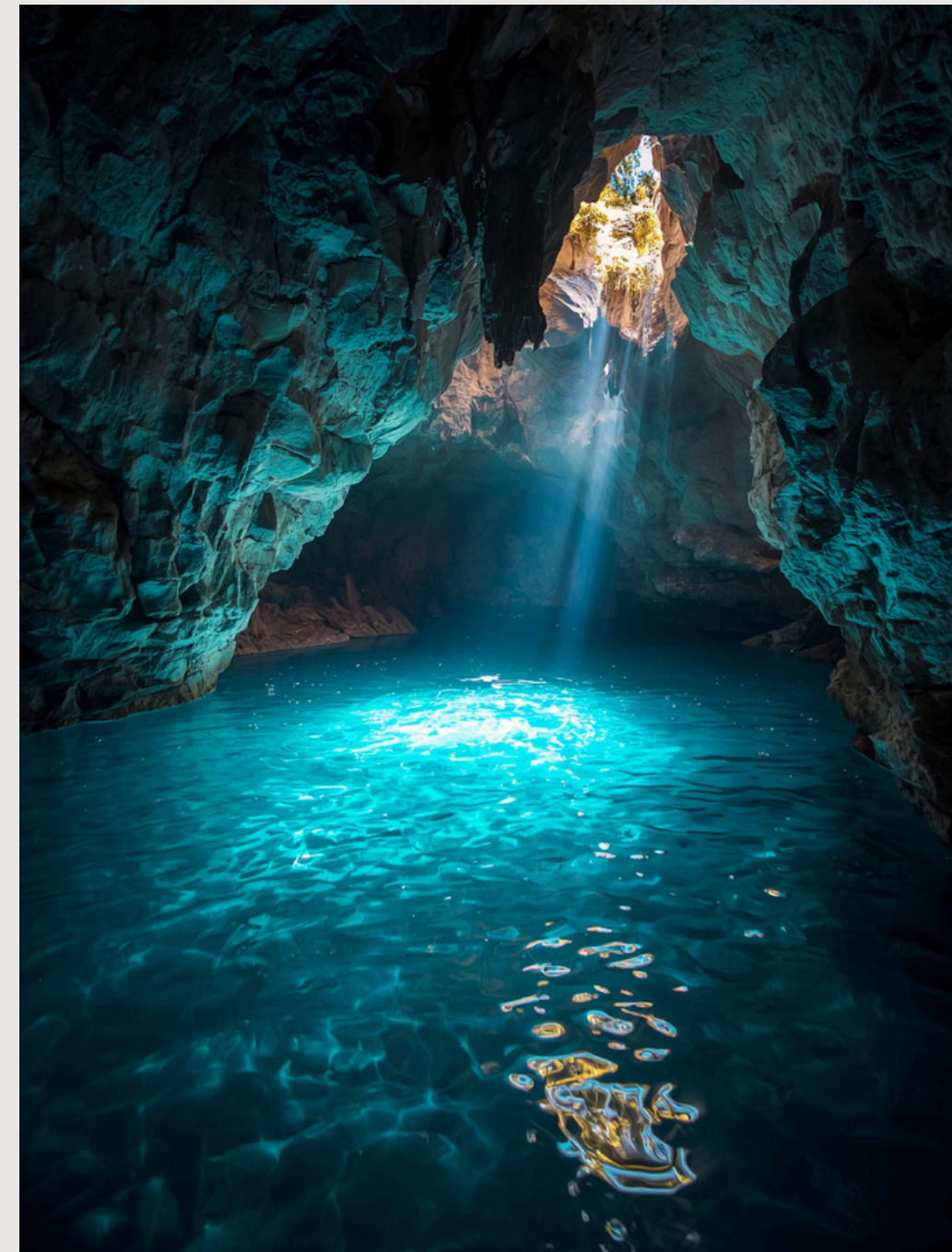
“

*Τα σπίτια τα χτίζουν πέτρες·
τις πατρίδες τις χτίζει η μνήμη.*

*Casas são construídas com pedras;
Pátrias são construídas pela memória.*



KASTELLORIZO



Kastellorizo é uma ilha que guarda histórias em cada pedra. O porto colorido, com suas casas neoclássicas refletidas nas águas cristalinas, conta a história de gerações de pescadores e comerciantes que fizeram desta pequena ilha sua casa.

As fachadas em tons de rosa, amarelo e azul são testemunhas silenciosas de um passado próspero, quando a ilha era um importante centro comercial do Mediterrâneo oriental.

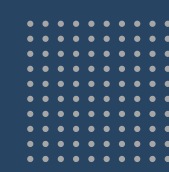
A famosa Gruta Azul é um dos tesouros mais preciosos de Kastellorizo. Quando a luz do sol penetra através das aberturas subaquáticas, a caverna se transforma em um espetáculo de luz azul iridescente que parece saído de um conto de fadas.

Cada visita a esta ilha é uma jornada no tempo, onde as narrativas do passado se entrelaçam com a beleza intocada do presente, criando memórias que durarão para sempre.



Mas toda ilha guarda também suas ausências. Por trás das fachadas iluminadas pelo sol e das águas tranquilas do porto, permanecem histórias silenciosas de despedidas, sonhos e travessias.

O conto desta edição convida-nos a caminhar por uma dessas memórias: a história daqueles que partiram levando poucas coisas nas mãos, mas carregando consigo uma pátria inteira no coração.



OS IMIGRANTES

(Οἱ Μετανάστες)

“ Τα σπίτια τα χτίζουν πέτρες ·
τις πατρίδες τις χτίζει η
μνήμη.

*Casas são construídas com pedras;
pátrias são construídas pela memória.*

“ Os emigrantes partiram levando poucas
coisas nas mãos, mas carregaram
consigo uma herança invisível:
a língua, a fé, os costumes e as
lembranças que nenhum oceano
poderia apagar.

No início do século passado — e mesmo antes disso — naquele pequeno pedaço de terra banhado pelas águas do Mediterrâneo, chamado Kastellorizo, a vida seguia o ritmo simples e laborioso das ilhas gregas. Ali, os homens do mar partiam em navios mercantes, pescavam, comerciavam e navegavam para terras distantes. A ilha era pequena, mas o coração de seus habitantes parecia grande o suficiente para abraçar o mundo.

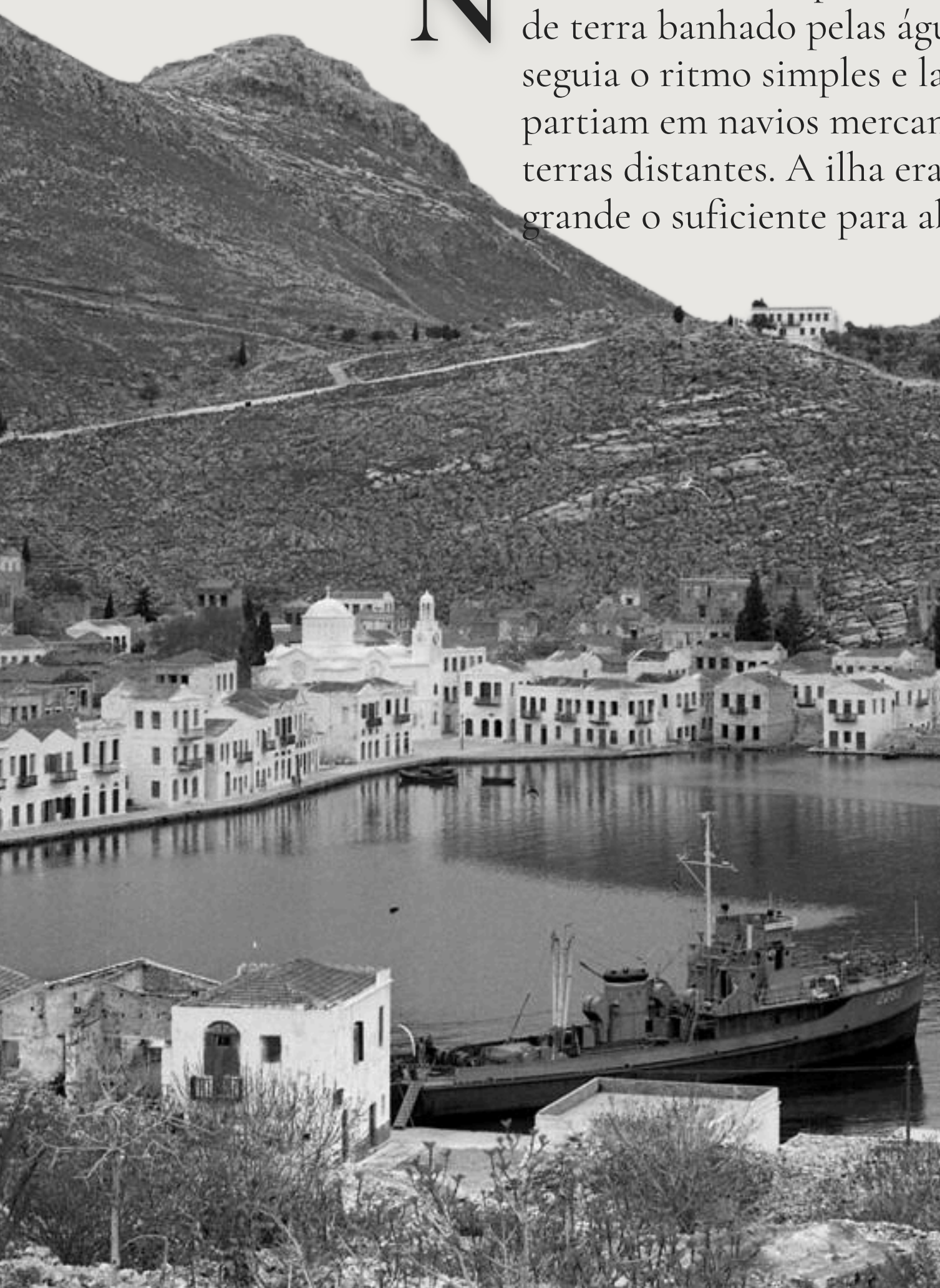
As notícias chegavam lentamente, trazidas pelos marinheiros e pelos navios que cortavam o mar. Falava-se de mudanças, conflitos e tensões na Europa. O horizonte começava a escurecer. O mundo parecia caminhar para tempos incertos, e até aquela pequena ilha sentia os ventos que sopravam de longe.

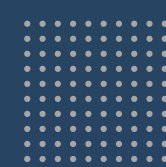
A vida em Kastellorizo continuava, mas já não havia a tranquilidade de antes. As conversas nos portos e nas praças ganhavam outro tom. Falava-se do futuro. Falava-se dos filhos. Falava-se da necessidade de procurar novos caminhos.

Então veio o ano de 1915.

E começou a primeira grande partida.

Famílias inteiras preparavam-se para deixar a terra natal. Uns seguiam para o Egito; outros para a Austrália; outros ainda para destinos quase desconhecidos.





“

Os emigrantes partiram levando poucas coisas nas mãos, mas carregaram consigo uma herança invisível: a língua, a fé, os costumes e as lembranças que nenhum oceano poderia apagar.

O porto enchia-se de pessoas, malas, vozes e silêncios. Não eram apenas pertences que embarcavam naqueles navios — eram vidas inteiras.

As despedidas possuíam algo de profundamente doloroso.

Mães seguravam os filhos com força, como se quisessem prolongar um pouco mais o tempo. Pais tentavam esconder a emoção e aparentar coragem. Alguns choravam em silêncio; outros mantinham os olhos fixos no horizonte, talvez para não deixar escapar as lágrimas.

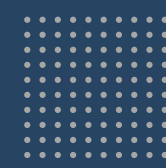
Quando os navios começavam lentamente a afastar-se do cais, os rostos permaneciam voltados para a ilha. As casas, as igrejas, as ruas familiares, as montanhas e o porto iam diminuindo até se perderem na linha do mar.

Mas havia algo que não ficava para trás.

A memória viajava junto.

Os emigrantes de Kastellorizo não levaram apenas roupas ou objetos pessoais. Levaram consigo a língua dos pais, as orações aprendidas diante dos ícones, as festas, as histórias, os costumes e a fé recebida dos antepassados.

Levaram o som dos sinos, o perfume do mar e a lembrança das tardes passadas entre as casas da ilha.



A CASA AZUL

Na pequena ilha de Kastellorizo, onde as casas coloridas abraçam o porto como joias antigas, havia uma casa azul que guardava gerações de memórias. A família Papadopoulos vivia ali há mais de cem anos, passando de pai para filho não apenas as paredes caiadas, mas também os segredos das tradições que faziam a ilha pulsar.

Todas as manhãs, a avó Eleni acordava antes do sol para preparar o café grego no mesmo ibrik de cobre que pertencera à sua bisavó. Enquanto o aroma preenchia a cozinha, ela contava histórias aos netos sobre os tempos em que os pescadores partiam ao amanhecer e as mulheres bordavam na varanda, esperando o retorno dos barcos.

A tradição mais sagrada da família era o jantar de domingo, quando três gerações se reuniam ao redor da mesa de madeira gasta pelo tempo. Ali, entre pratos de moussaka e dolmades, as histórias fluíam como o vinho local, conectando passado e presente em cada palavra compartilhada.

A Casa Azul permanece até hoje como símbolo de Kastellorizo, um testemunho vivo de que as tradições mais preciosas são aquelas passadas de coração para coração.





FRAGMENTOS DA MEMÓRIA HELÊNICA



Entre fotografias amareladas pelo tempo, nomes preservados pela memória familiar e histórias transmitidas de geração em geração, reencontramos os rostos daqueles que ajudaram a lançar os alicerces da presença helênica em Florianópolis.

Vindos sobretudo de Kastelórizo, estes pioneiros trouxeram consigo muito mais do que sonhos de uma nova vida: trouxeram a fé ortodoxa, a língua, os costumes, o espírito de trabalho e o profundo sentido de comunidade que marcaria para sempre a história da Colônia Grega em Santa Catarina.

Nesta edição, revisitamos fragmentos da trajetória das famílias Savas, Kalafatás e Constantinópulos — homens e mulheres simples, mas portadores de uma herança espiritual e cultural preciosa, cuja memória permanece viva nas famílias, nas fotografias, nas ruas da antiga Desterro e na própria história de nossa comunidade.

Cada imagem aqui preservada é mais do que um registro do passado: é testemunho de pertença, identidade e gratidão.

FAMÍLIAS SAVAS,
KALAFATÁS E
CONSTANTINÓPULOS



ESTEFANO NICOLAU SAVAS

Estefano Nicolau Savas era o mais jovem dos irmãos da família Savas: o Capitão Savas Nicolau Savas — considerado fundador da Colônia Grega de Florianópolis —, Miguel Nicolau Savas, Anastácia Constantino Spyrides e Kyrana Theodócio Atherino. Miguel residiu durante algum tempo em Florianópolis, retornando posteriormente a Kastelórizo, onde se casou com Panayota Tafrá. Anastácia foi esposa do médico Constantino Spyrides, enquanto Kyrana casou-se com Theodócio Atherino.



Estefano N. Savas com os filhos André (à esquerda), Nicolau (à direita), Anastácia e a nora Branca Savas. Estefano foi pai de cinco filhos: Nicolau, Eudoquia, Maria Elias, André e Anastácia Constantinópulos. Era conhecido como “Barba Stéfano”. O termo barba, de origem turca, significa “tio” e era utilizado como forma respeitosa de tratamento, não fazendo parte do sobrenome familiar.

Filho de Nicolau Barba Savas e de Eudoquia Savas, Estefano chegou à então Desterro alguns anos após o irmão Capitão Savas, acompanhado do irmão Miguel. Há indícios de que já fosse viúvo de Evangelia Kotzias quando imigrou para o Brasil. Trouxe consigo os filhos ainda muito jovens: Nicolau, Eudoquia, André, Maria e Anastácia.



Evangelia Kotzias, esposa de Barba Stéfano, única irmã da família Kotzias, retratada com vestimentas típicas da Ilha de Kastelórizo

A trajetória da família permanece profundamente ligada tanto à memória de Kastelórizo quanto à formação da comunidade grega em Florianópolis. Sabe-se que a irmã Anastácia faleceu em Kastelórizo, em 1912; seu marido, dr. Constantino Spyrides, faleceu em 1921. A outra irmã, Kyrana, já viúva, faleceu também em Kastelórizo, em 1925. O Capitão Savas adormeceu em Florianópolis, em 1926, e Estefano, igualmente em Florianópolis, no ano de 1930. Não há registros conhecidos acerca da data de falecimento do irmão Miguel Nicolau Savas, em Kastelórizo.



NICOLAU ESTEFANO SAVAS



O jovem Nicolau Estefano Savas



Nicolau Savas e sua esposa Branca de Moraes



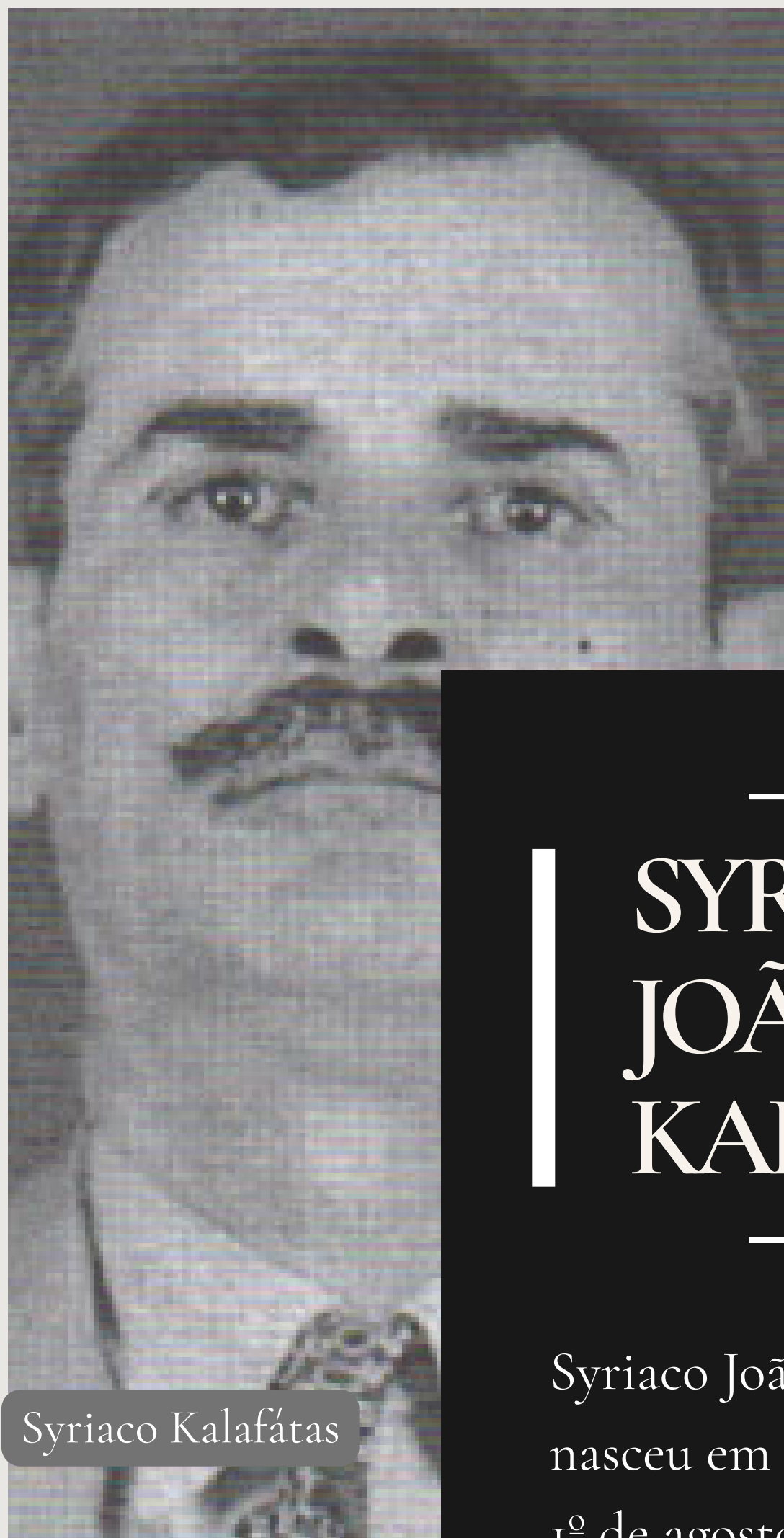
O Barva Estefano



Os Pioneiros



Memórias da presença grega
em Florianópolis



Syriaco Kalafátas



Eudoquia Syriaco
Kalafátas

SYRIACO JOÃO KALAFATAS

Syriaco João Kalafatas nasceu em Kastelórizo, em 1º de agosto de 1887, filho de João Syriaco Kalafatas e Anastácia João Kalafatas. Casou-se com Eudoquia Estefano Savas, nascida também em Kastelórizo, em 9 de novembro de 1895, filha de Estefano Nicolau Savas — irmão do célebre Capitão Savas — e de Evangelia Kotzias Savas, a única irmã da família Kotzias.



João Kotzias e
Syriaco Kalafátas,
numa de suas
últimas fotografias



As filhas Anastácia e
Evangelia Kalafátas



Casamento de Teodoro Constantinópulos e Anastácia Estefano Savas. Quando Teodoro faleceu, depois de festejar Bodas de Ouro, seus familiares doaram o patrimônio que ele recebeu de priça, para a Associação Helênica de Santa Catarina

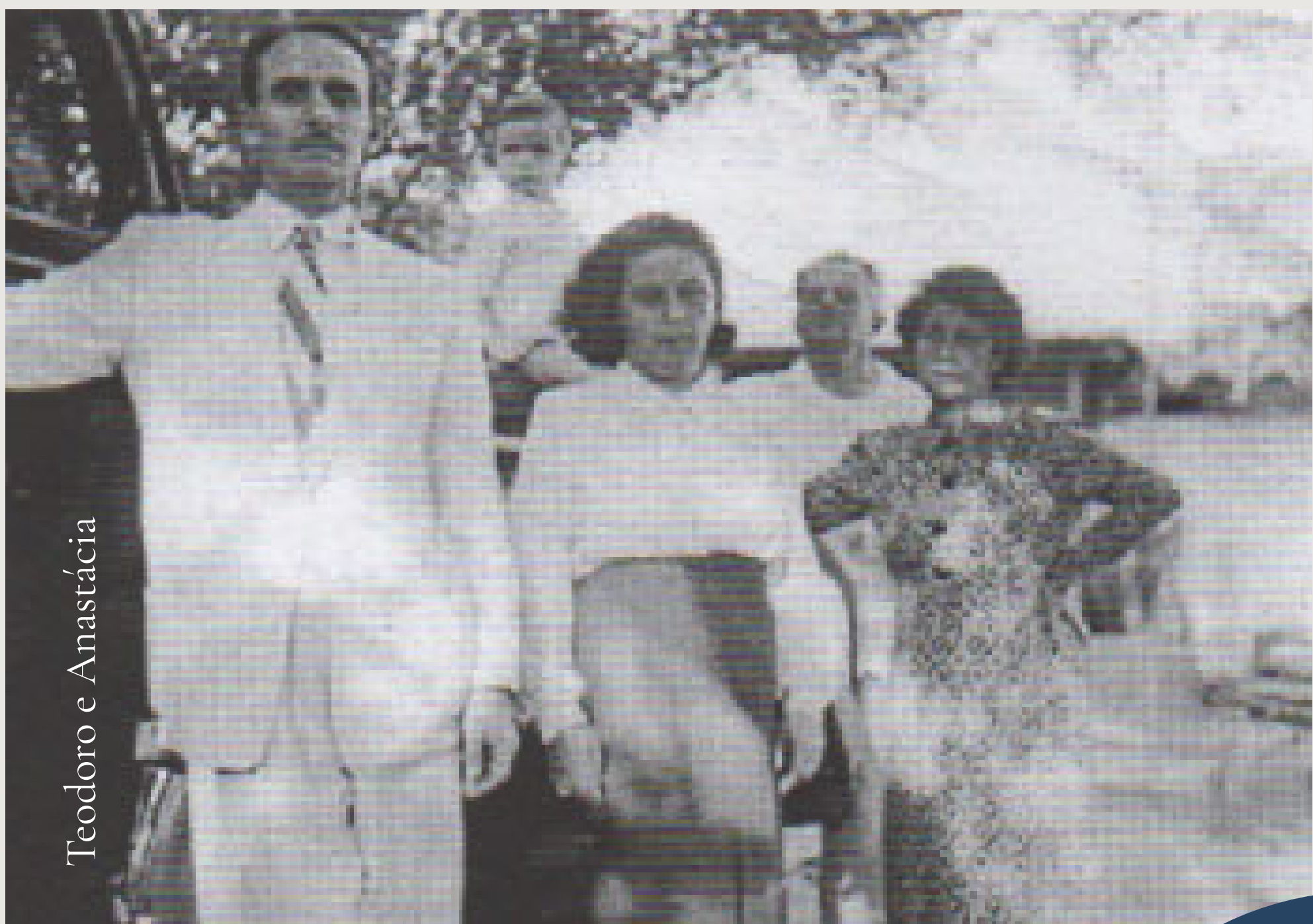


A primeira viagem de Eudoquia a Florianópolis ocorreu ainda em sua infância, no início de 1896, quando era apenas um bebê. Mais tarde, retornou à Grécia e somente após seu casamento com Syriaco voltou definitivamente ao Brasil, em 1922. Eudoquia faleceu em Florianópolis, em 5 de novembro de 1991.

Syriaco participou da guerra contra a Turquia e, posteriormente, após trabalhar na casa comercial de seu sogro, utilizou suas economias pessoais juntamente com o dote recebido no matrimônio para adquirir duas portas no Mercado Público de Florianópolis, sob o nº 33, ao lado do portão central da ala sul.

Ali permaneceu exercendo suas atividades comerciais até seu falecimento, ocorrido em 15 de novembro de 1951.

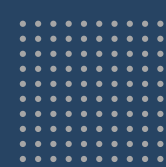
Enquanto Syriaco dedicava-se intensamente ao trabalho e à vida comunitária, Eudoquia ocupava-se dos cuidados do lar e da educação dos filhos. Do matrimônio nasceram, já em terras brasileiras: Anastácia (1923), João (1925), Evangelia (1927), Estefano (1928) e Triandafilhá (1939).



Teodoro e Anastácia



Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis

Quando Syriaco estabeleceu-se em Florianópolis, tanto o pai de sua sogra, João Kotzias — engenheiro natural de Chipre — quanto seu sogro, Estefano Nicolau Savas, já estavam radicados na cidade, integrando o núcleo pioneiro da comunidade helênica local.

Homem de profunda religiosidade, Syriaco mantinha uma rotina simples e piedosa. Ao retornar do trabalho, no final das tardes, costumava sentar-se na varanda dos fundos da casa da família, na rua Trajano, junto ao quintal, onde lia atentamente os textos de seu breviário.

A filha caçula do casal, conhecida popularmente como Rosinha, recebeu oficialmente o nome de Triandafilhá. Inicialmente, os pais desejavam chamá-la apenas Rosa; contudo, ao comunicar a escolha ao Pe. Chryssakis, este sugeriu o nome grego Triandafilhá — referência a uma espécie de rosa muito apreciada na Grécia. O conselho do sacerdote foi acolhido pela família.

Durante muitos anos, Syriaco serviu como psaltis da comunidade ortodoxa grega de Florianópolis, colaborando ativamente nas celebrações litúrgicas realizadas na antiga igreja instalada em um sobrado da rua Conselheiro Mafra.



Maria Elias, irmã de Anastácia, casou com Jorge Elias Yaracu e o casal teve os filhos Irene, Evangelia e Elias. Jorge Elias Yaracu era filho de Irene Lucas, irmã do Comandante Lucas. Portanto, primo irmão de Cristina Comninos, Zafírio Lambros e Demétrio Lambros.



André Estefano Savas, irmão de Anastácia



Dona Anastácia (11.05.1908 a 03.02.1985), que faleceu sem deixar descendência

Fonte: PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis. Florianópolis, 2003.



MEMÓRIAS DO CORAÇÃO: 75 ANOS DO LANCHE DE SÃO NICOLAU

Guardo com carinho as memórias dos lanches que minha amada e saudosa mãe, Sra. Parasqevi Kotzias Atherino, oferecia em nossa residência.

Desde a infância, recordo o amor com que ela preparava o lanche e recebia todas as senhoras da Comunidade Helênica de Florianópolis que dele participavam. Por muitas vezes, acompanhei-a na ida aos Lanches e percebia a alegria e a satisfação das senhoras participantes, que se reuniam semanalmente, às terças-feiras. Sem distinção, elas abriam as portas de suas residências e preparavam, com muito esmero, o seu Lanche.

No livro Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis, de autoria do saudoso Paschoal Apóstolo Pítsica, publicado em 2003, encontrei, à página 171, o seguinte registro:

“ O Lanche Beneficente São Nicolau teve início em 14 de julho de 1951, numa iniciativa da Sra. Kiriaki Nicolau Spyrides, que ofereceu a primeira recepção e deu início ao movimento pela sua continuidade.”



A mesma obra registra ainda:

“ A primeira Diretoria escolhida naquela oportunidade era constituída pelas Sras. Katina Kotzias, Kirana Lucas e Déspina Spyrides Boabaid.”

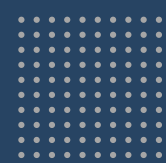
E acrescenta:

“ O Lanche de São Nicolau é um dos principais sustentáculos da Colônia Grega de Florianópolis, por sua contribuição filantrópica - Filóptokos.





Filóptokos



Fé, serviço e memória viva

Com o passar dos anos, o Lanche tornou-se também um importante espaço de encontro entre as senhoras e, gradualmente, passou a prestar significativa assistência à própria Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau.

Faço parte do Lanche de São Nicolau há muitos anos e sinto-me imensamente feliz por isso.

No dia 14 de julho de 2026, o Lanche Beneficente de São Nicolau completará 75 anos de existência!

É momento de expressarmos nossos mais profundos agradecimentos e homenagens às nossas avós, mães e a todas as senhoras que fizeram e fazem parte desta história. Gratidão pela determinação e iniciativa que deram origem ao Lanche.

Gratidão pelo legado e pelo exemplo que testemunhamos ao longo de sua trajetória. Gratidão pelo amor compartilhado.

Que São Nicolau abençoe todas as senhoras que hoje integram o Lanche de São Nicolau, para que possamos prosseguir, por muitos anos ainda, com ações de amor, união e alegria.

Maria Atherino Neves

Maio-2026

LEGENDA:

FOTO (1987): Fila da frente: Maria de Lurdes Apóstolo, Déspina S. Boabaid, Lylían e o filho Leonardo, Sebastí Dimatos, Maria Emília Kristakis e Terezinha. Segunda fila: Cristina Kosmos Comninos, Helma Mussi, Catina Kotzias, Isodia Szpoganicz, Eudóquia Atherino Schmidt e Magda Kaili Santos. Terceira fila: Anastácia Nicolacópulos, Zilda Goulart, Elda Damiani, Ketti Merlin, Vilma Cardoso, Helena Ferrari, Maria Kotzias, Anastácia Pítsica, Anita Cintra e Nair Carone, no lanche São Nicolau, na casa de Déspina S. Boabaid.



1977 (1979)



1998



1987



2000



PRAÇA DA REPÚBLICA DA GRÉCIA, A NOSSA SEGUNDA GRÉCIA

Ao longo das últimas semanas, vivemos um momento significativo para a preservação e valorização da história helênica em Florianópolis. Foi oficialmente aprovado, junto à Prefeitura Municipal, o projeto de revitalização da Praça República da Grécia e do entorno do Koxixos, na Beira-Mar Norte, espaço simbólico da presença grega em Santa Catarina.

Mais do que uma obra urbana, a iniciativa representa o reconhecimento da contribuição cultural, histórica e comunitária dos imigrantes gregos e de suas famílias para a cidade.

Inspirado na identidade helênica, o projeto busca transformar o local em um ambiente de convivência, memória e fortalecimento das tradições que atravessam gerações.

O projeto aprovado prevê a revitalização integral do espaço, incorporando elementos inspirados na cultura e na identidade helênica, com destaque para a tradicional composição nas cores azul e branco. A proposta busca valorizar ainda mais a identidade e as raízes da comunidade grega em Florianópolis. A reinauguração está prevista para outubro de 2026.

A Praça da República da Grécia tem a vocação de se tornar a nossa segunda Grécia: um espaço de encontro entre famílias, preservação da memória, convivência comunitária e fortalecimento das tradições helênicas em Santa Catarina.

Também seguimos realizando melhorias na Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau e no Salão Paroquial, com pequenas obras de infraestrutura e manutenção, incluindo o reparo do elevador de acesso, proporcionando mais segurança, acessibilidade e conforto para toda a comunidade.

Seguimos com união, dedicação e espírito comunitário. Temos história, temos raízes, temos fé e temos orgulho da herança que recebemos.

Em memória do Capitão Savas e de todas as famílias gregas que escolheram Florianópolis como sua segunda Grécia.

Andreas E. Karabalis

PRESIDENTE (2025-2027)





A MEMÓRIA VEGETAL DE UMBERTO ECO

Olhando para o meu escritório, que, em sentido não estrito, me lembra o *Mais Livros na Mesa, de Carpeaux* — obra sobre a qual, aliás, valeria a pena discorrer —, decidi continuar falando sobre o piemontês Umberto Eco, em específico sobre seu ensaio de 1992, *La Memoria Vegetale*, tema a respeito do qual escreveu com muita propriedade, considerando sua imensa biblioteca pessoal, com mais de trinta mil volumes.

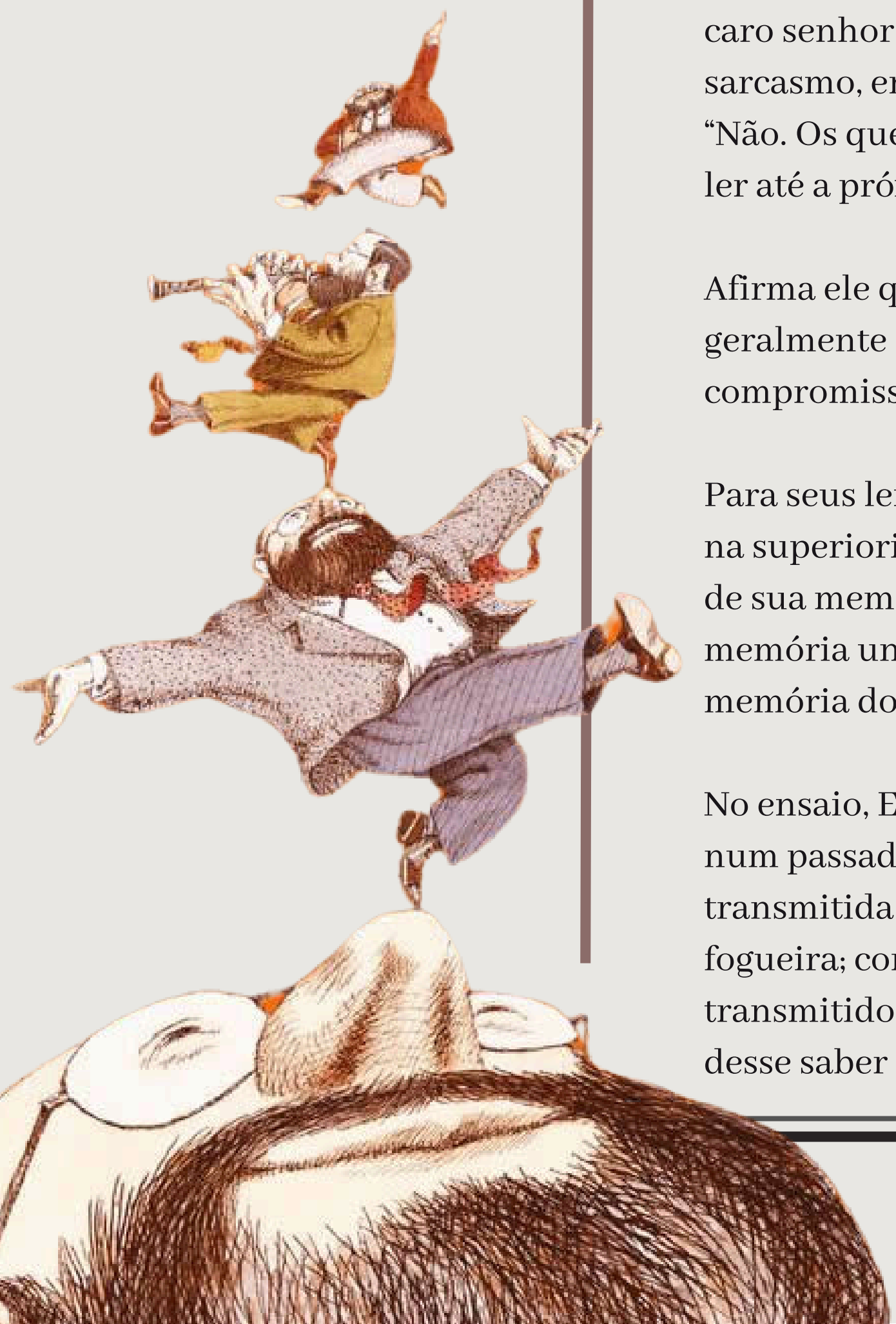
Ali se revela um bibliófilo que tinha lá suas rabugices. Por exemplo, quando um desavisado lhe dizia algo como: “Quantos livros! Já leu todos?”, independentemente do quociente intelectual, o sujeito arriscava receber de pronto uma das três respostas-padrão do escritor.

Na primeira — “Não li nenhum; do contrário, por que os teria aqui?” — Eco julgava gratificar o interlocutor, lisonjeando uma pretensa superioridade deste. A segunda resposta, se utilizada, faria o visitante sentir-se imediatamente em posição de inferioridade ao ouvir: “Mais, caro senhor, muito mais!” A terceira, temperada de petulante sarcasmo, era empregada para lançar o visitante em doloroso estupor: “Não. Os que já li eu mantenho na universidade; estes são os que devo ler até a próxima semana.”

Afirma ele que, ao receber essa última resposta, o infeliz visitante geralmente se limitava a antecipar o momento da despedida, alegando compromissos repentinos.

Para seus leitores, Umberto Eco justifica a rispidez — sem economizar na superioridade — explicando que a biblioteca não é apenas o lugar de sua memória, destinada a conservar o que leu; é, antes, o lugar da memória universal, um repositório, ou mesmo um coquetel, de memória douta.

No ensaio, Eco também reflete sobre os tipos de memória, indo buscar num passado longínquo aquilo que chama de memória orgânica, transmitida verbalmente de geração em geração ao redor de uma fogueira; conhecimento retido e organizado na mente dos anciãos e transmitido para a educação dos mais jovens, cujas vidas dependiam desse saber acumulado pela experiência e pela tradição.





Com a invenção da escrita, diz ele, assistimos ao nascimento de uma memória mineral, porque os primeiros signos foram gravados em tabuinhas de argila ou esculpidos na pedra. A estes soma-se a arquitetura, visto que, das pirâmides às catedrais góticas, permaneceram registros de números sacros e de cálculos matemáticos. Constituem-se, por assim dizer, em enciclopédias de pedra, das quais se poderiam extrair conteúdos simbólicos, histórias e ensinamentos morais.

O curioso é que, nessa memória mineral, pode-se incluir o silício, elemento hoje amplamente utilizado em computadores e smartphones. Mas nem tudo são glórias para a modernidade. Considerando o aspecto da durabilidade, é possível que, daqui a milênios, os únicos testemunhos da arquitetura bauhausiana estejam arquivados em alguma nuvem, ou coisa que o valha.

Mas o foco do texto está no terceiro tipo de memória, que Umberto Eco denominou vegetal. Embora o pergaminho fosse feito de pele animal, o papiro era vegetal e, com o advento do papel,

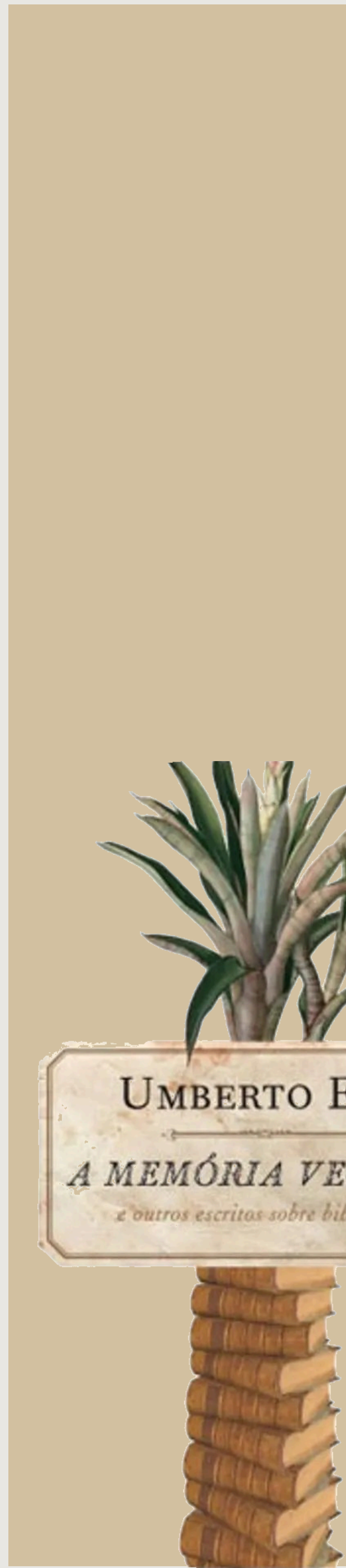
produziram-se inicialmente livros a partir de trapos de linho, cânhamo ou algodão.

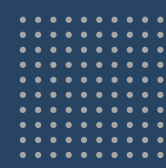
O livro, sob qualquer forma, permitiu que a escrita se personalizasse. Representava uma porção de memória, até coletiva, mas selecionada segundo uma perspectiva pessoal. E o ato de ler é um diálogo — eis aí um dos paradoxos do livro — com alguém que não está diante de nós e que, em muitos casos, desapareceu há séculos, permanecendo presente apenas na escrita.

Os livros são os nossos velhos de outrora. Transmitem mais memória do que a brevidade de nossa vida poderia alcançar. A vantagem em relação ao alfabetizado que não lê é brutal: este vive apenas a própria vida; ao passo que quem usufrui da memória vegetal vive muitíssimas, extraindo lições não apenas dos próprios erros e acertos, mas também dos de Raskólnikov, de Madame Bovary, de Jean Valjean e até mesmo de Napoleão.

Henrique Verçoza

Entrelinhas é a coluna mensal de H. M. Verçoza, autor do livro *As Histórias que ouvi de um psicanalista*, Vice-presidente da Associação Helênica de Santa Catarina.





Risoto de Funghi & Risoto de Tomate Seco, Rúcula e Mussarela



Risoto de Funghi

Ingredientes

- 2 xícaras (chá) de arroz arbóreo
- 20 g de funghi seco picado
- 1 xícara (chá) de vinho branco seco
- ½ cebola picada
- 4 colheres (sopa) de manteiga
- 1½ litro de caldo de carne ou galinha
- 4 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado

Modo de preparo

1. Coloque o funghi em uma tigela com água morna e deixe hidratar por cerca de 30 minutos.
2. Em uma panela, aqueça o caldo e mantenha-o em fogo baixo.
3. Em outra panela, derreta duas colheres de manteiga e refogue a cebola até ficar transparente.
4. Acrescente o arroz e mexa bem por alguns instantes.
5. Junte o funghi escorrido e refogue rapidamente.
6. Adicione o vinho branco e deixe evaporar.
7. Acrescente uma concha do caldo quente e mexa até o líquido ser absorvido. Continue adicionando o caldo, aos poucos, mexendo sempre.
8. Quando o arroz estiver cremoso e “al dente”, desligue o fogo.
9. Acrescente o restante da manteiga e o parmesão, misturando delicadamente antes de servir.

Risoto de Tomate Seco, Rúcula e Mussarela

Ingredientes

- 1 maço pequeno de rúcula picada
- 100 g de tomate seco em pedaços
- 1 colher (sopa) de azeite de oliva extravirgem
- 1 xícara (chá) de vinho branco seco
- 1 colher (sopa) de cebola picada
- 1 colher (sopa) de manteiga
- 380 g de arroz arbóreo ou carnaroli
- 1½ litro de caldo de legumes
- 150 g de mussarela em cubos
- 80 g de cenoura em pedaços
- 50 g de alho-poró em rodelas
- ervas aromáticas a gosto
- sal e pimenta-do-reino

Modo de preparo

1. Em uma panela, aqueça o azeite e refogue a cebola.
2. Acrescente o arroz e mexa delicadamente.
3. Adicione o vinho branco e deixe evaporar.
4. Vá colocando o caldo quente aos poucos, mexendo sempre.
5. Quando o arroz estiver quase no ponto, acrescente o tomate seco e a rúcula.
6. Retire do fogo e misture a manteiga e a mussarela.
7. Ajuste o sal e a pimenta e sirva imediatamente.

Caldo de legumes

Em uma panela, coloque a cenoura, o alho-poró, ervas aromáticas e água suficiente para cobrir os ingredientes. Cozinhe em fogo baixo até obter um caldo aromático e saboroso. Coe antes de utilizar.

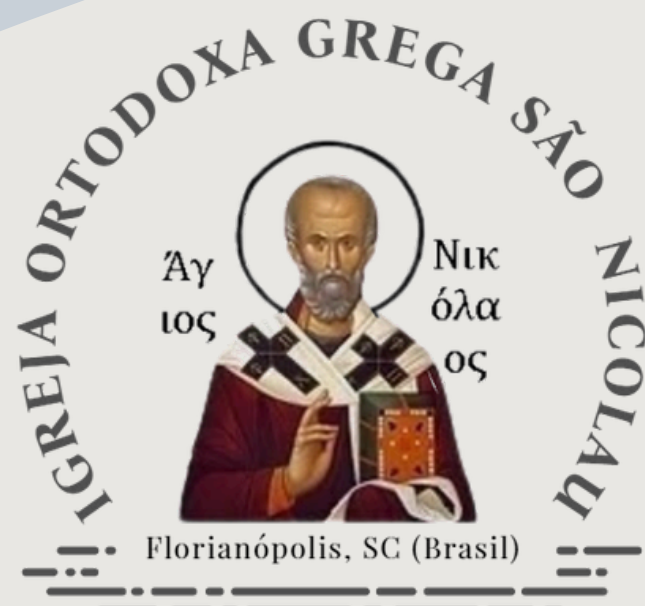
Com a chegada dos dias mais frios, a mesa torna-se lugar ainda mais precioso de encontro, partilha e convivência. Inspiradas nos aromas do Mediterrâneo e no sabor simples da cozinha familiar, as receitas desta edição trazem duas versões de risoto: uma mais intensa e terrosa, com funghi, e outra leve e aromática, unindo tomate seco, rúcula e mussarela.

Mais do que receitas, são convites para desacelerar, reunir a família e redescobrir a alegria das refeições preparadas com cuidado.



Na tradição mediterrânea, cozinhar nunca foi apenas preparar alimento. A mesa é lugar de memória, encontro e philoxenia – a hospitalidade que transforma alimento em comunhão.

DICA: O segredo do risoto está na paciência: o caldo deve ser acrescentado lentamente, permitindo que o arroz libere seu amido e adquira a textura cremosa característica.



AGENDA LITÚRGICO-PASTORAL JUN-2026



DIA	DOMINGO / FESTA	OFÍCIOS DIVINOS	
7	Domingo de Todos os Santos	<ul style="list-style-type: none"> 9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA 	Matinas: Mt 28:16–20 Epístola: Hb 11:33–40; 12:1–2 Evangelho: Mt 10:32–33; 37–38; 19:27–30
14	2º Domingo de Mateus	<ul style="list-style-type: none"> 9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA 	Matinas: Mc 16:1–8 Epístola: Rm 2:10–16 Evangelho: Mt 4:18–23
21	3º Domingo de Mateus	<ul style="list-style-type: none"> 9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA 	Matinas: Mc 16:9–20 Epístola: Rm 5:1–10 Evangelho: Mt 6:22–33
24	Natividade do Santo Profeta, Precursor e Batista João		Matinas: Lc 1:24–25, 57–68, 76, 80 Epístola: Rm 13:11–14; 14:1–4 Evangelho: Lc 1:1–25, 57–68, 76, 80
28	4º Domingo de Mateus	<ul style="list-style-type: none"> 9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA 	Matinas: Lc 24:1–12 Epístola: Rm 13:11–14; 14:1–4 Evangelho: Mt 6:14–21 Modo: 4º Eothinon: 4
29	Santos Apóstolos Pedro e Paulo		Matinas: Jo 21:14–25 Epístola: II Cor 11:21–33; 12:1–9 Evangelho: Mt 16:13–19

